

**INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**LANUCE FERREIRA**

**A EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL: OS PROCESSOS DE MOTIVAÇÃO PARA A  
LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
FRENTE ÀS TECNOLOGIAS**

Colatina

2020

LANUCE FERREIRA

**A EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL: OS PROCESSOS DE MOTIVAÇÃO PARA A  
LEITURA E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL  
FRENTE ÀS TECNOLOGIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Monografia II do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Mayelli Caldas de Castro.

Colatina

2020

(Biblioteca Professor Elias Minassa do Instituto Federal do Espírito Santo – Bibliotecária Débora do Carmo de Souza)

F383e Ferreira, Lanuce.

A educação na era digital: os processos de motivação para a leitura nas séries iniciais do Ensino fundamental frente as tecnologias / Lanuce Ferreira – 2020.

54 f.; 30 cm

Orientadora: Mayelli Caldas de Castro.

TCC (graduação) – Instituto Federal do Espírito Santo, Curso Superior Licenciatura em Pedagogia.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Tecnologia.  
4. Educação. I. Ferreira, Lanuce. II. Castro, Mayelli Caldas de.  
III. Instituto Federal do Espírito Santo. IV. Título

CDD 370

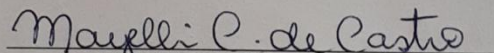


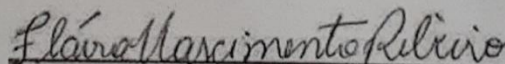
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR  
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CAMPUS ITAPINA  
Rodovia BR-259, Km 70, Zona Rural, Colatina, CEP 29709-910  
Tel (27) 3723-1221 Fax (27) 3723-1244

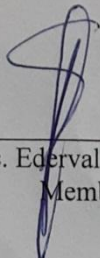
### CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

AUTORA: Lanuce Ferreira  
ORIENTADORA: Mayelli Caldas de Castro

Aprovado pela Banca Examinadora como parte das exigências do componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso, para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pelo Instituto Federal do Espírito Santo, *Campus Itapina*.

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mayelli Caldas de Castro  
Presidente

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Nascimento Ribeiro  
Membro

  
Prof. MSc. Ederval Pablo Ferreira  
Membro

Colatina (ES), 26 de novembro de 2020

## DECLARAÇÃO DO AUTOR

Declaro, para os devidos fins de pesquisa acadêmica, didática e técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso pode ser parcialmente utilizado, desde que se faça referência à fonte e ao autor.

Colatina, 26 de novembro de 2020.

Lanuce Ferreira

Dedico esse trabalho aos meus familiares que estiveram presentes em mais uma etapa da minha trajetória acadêmica, me apoiando e me ajudando a transpor as barreiras.

A todos/as professores/as da Educação Básica que representam um auxílio e desenvolvimento para os alunos.

***DEDICO***

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser um Pai misericordioso que esteve presente nesta caminhada, me amparando em todos os momentos bons e momentos difíceis, por tomar conta de toda minha vida, me abençoando e fortalecendo a cada dia.

À minha família, por estar sempre ao meu lado, sendo o meu porto seguro em todos os momentos, me ajudando em mais uma etapa da minha vida.

Aos meus colegas e amigos queridos do curso de Licenciatura em Pedagogia, que estiveram sempre presentes nos momentos de esforços nestes quatro anos e meio de curso.

Ao Instituto Federal do Espírito Santo- *campus* Itapina pela oportunidade de obtenção de uma educação pública e de qualidade.

Ao professor e coordenador do curso de Licenciatura em Pedagogia Rogério Caliarí, o qual lutou para que tornasse real a implementação desse curso.

Aos professores e mestres do curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Federal do Espírito Santo- *campus* Itapina, que com entusiasmo estiveram presentes nesta trajetória contribuindo no desenvolvimento do conhecimento.

À professora Mayelli Caldas de Castro, que com todo o seu apoio, conhecimento e paciência esteve presente a todo o momento me orientando para que eu pudesse continuar e chegar até aqui.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, que estiveram presentes em momentos muitas vezes necessários, para que eu pudesse continuar essa trajetória.

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para vida, é a própria vida”.

(JONH DEWEY, 1897).



## RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é discutir o processo de ensino- aprendizagem de leitura e escrita frente a uma era digital; visto que a tecnologia está presente no espaço escolar e para que, diante desse mundo tecnológico, ocorra uma aprendizagem significativa. Assim, a proposta deste estudo é discutir a respeito das estratégias adotadas em sala de aula, no processo de alfabetização, e ensino de leitura e escrita, bem como os métodos e estilos utilizados pelo professor, propondo um destaque sobre como lidar com o uso da tecnologia. Com uma proporção cada vez maior de leitura e escrita ocorrendo na internet, a alfabetização tangencia os contornos da humanização, desafiando os professores para que o seu trabalho contemple essa premissa. Destaca-se como base teórica principal deste estudo Binotto (2014), Coscarelli (2007), Corsino (2017), Lévy (1996, 1999), Moran (2007), Oliveira (2015), Pretto(2011), Santos (2017), Soares (2002, 2009), Teberosky (2003), Travassos (2017) e Vilela (2017). A metodologia do trabalho desenvolveu-se a partir de revisão sistemática de literatura, realizando-se uma pesquisa bibliográfica, buscando maiores conhecimentos teóricos em relação ao processo de alfabetização frente à tecnologia digital, e com análise e reflexão sobre os conceitos teóricos. Assim, conclui-se que a presença da tecnologia se torna cada vez mais importante no processo de alfabetização, visto que já vivemos em um mundo digital.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Letramento; Tecnologia; Educação.

## **,ABSTRACT**

This research aims at discussing about the process of teaching/learning reading and writing in this digital era, since technology is present in the school space and so that meaningful learning occurs in the face of this technological world. The purpose of this study is to discuss and reflect on the strategies adopted in the classroom, during literacy process, as well as the methods and styles used by the teacher when teaching reading and writing, highlighting the way teachers deal with technology. With an increasing proportion of reading and writing taking place on the internet, literacy touches the contours of humanization and this is a challenge for the teachers. The main theoretical basis of this study is Binotto (2014), Coscarelli (2007), Corsino (2017), Lévy (1996, 1999), Moran (2007), Oliveira (2015), Pretto (2011), Santos (2017), Soares (2002, 2009), Teberosky (2003), Travassos (2017) and Vilela (2017). The methodology was developed from literature review, carrying out a bibliographic research, with analysis and reflection on the theoretical concepts about the literacy process in the context of digital era. Thus, we concluded that the presence of technology becomes increasingly important during the literacy process, since we already live in a digital world.

**Keywords:** Literacy; Literacy ('lettering'); Technology; Education.

## LISTA DESIGLAS

EF – Ensino Fundamental

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MSN – *Microsoft Service Network*

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SMS – *Short Message Service* (Serviço de Mensagens Curtas)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 A LEITURA EM SALA DE AULA .....</b>	<b>14</b>
2.1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA, AS TECNOLOGIAS E O LUGAR DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	15
2.2 A ALFABETIZAÇÃO REPENSADA.....	22
<b>3 A TECNOLOGIA NO MUNDO ATUAL .....</b>	<b>26</b>
3.1 OS DESDOBRAMENTOS TECNOLÓGICOS DO SÉCULO XX AO XXI .....	27
3.2 AS GERAÇÕES “CONECTADAS” .....	28
3.3 A TECNOLOGIA NA VIDA DAS CRIANÇAS: POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS .....	32
<b>4 AS QUESTÕES PERTINENTES À MOTIVAÇÃO .....</b>	<b>34</b>
4.1 PRÁTICAS TRADICIONAIS X MODERNAS DE LEITURA .....	37
4.2 LETRAMENTO DIGITAL .....	39
4.3 CONTRIBUIÇÕES DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS: A MOTIVAÇÃO À LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS.....	43
<b>5 REFLEXÃO E DISCUSSÃO DOS PRINCIPAIS PONTOS ABORDADOS.....</b>	<b>47</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A trajetória desta monografia teve início quando buscou-se entender como os educadores lidam com a questão da tecnologia no espaço educacional. É possível dizer que a era atual é indissociável da tecnologia, o que nos faz afirmar que vivemos em um mundo digital. Sendo assim, os aparatos tecnológicos também fazem parte dos trabalhos pedagógicos.

Historicamente, sabemos que um indivíduo é considerado alfabetizado quando codifica e decodifica símbolos, isto é, lê e escreve, sem se preocupar se o sentido expresso foi compreendido ou não. Somente a partir da década de 80, a alfabetização no Brasil foi marcada por uma mudança de paradigma inspirada nos estudos de Piaget sobre a psicologia de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1985), que pesquisaram a alfabetização tendo como foco central a compreensão de como os alunos aprendem a ler e escrever, ou seja, como as crianças pensam e organizam seus conceitos a respeito da escrita.

Com isso, de forma geral, pode-se entender a alfabetização, e o letramento<sup>1</sup>, como práticas cujo horizonte maior não se situa no texto, mas sim nas relações entre o humano e o ambiente, entre o indivíduo e as pessoas ao seu redor, e de que maneira essa relação determina a interação mútua. Todavia, muitas vezes, a alfabetização coloca o foco no esforço textual, na junção de palavras, mas não nos referenciais que estão no entorno do indivíduo.

A sala de aula é um ambiente físico, e pensar o ambiente de aprendizado como um espaço em que ocorrem diferentes relações e influências é, de certo modo, um exercício metalinguístico para a alfabetização e letramento (GOULART; MAZIERO; CARVALHO, 2017). Entretanto, existem os ambientes virtuais, o mundo cibernético, o ciberespaço, o que desafia a alfabetização e a educação como um todo a conceber essa realidade (WEBER; SANTOS; CRUZ, 2014).

---

<sup>1</sup> A concepção de “Letramento” e “Letramento digital” será explicada e discutida com mais detalhes no subcapítulo 4.2.

Naturalmente, há uma compreensão por demais abrangente a respeito da alfabetização. Desta maneira, a principal problemática do trabalho é: qual seria a maneira mais adequada de se trabalhar a leitura e a escrita, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) no contexto dos avanços tecnológicos? Essa problemática se desdobra em outras:

- 1) Existem estudos no âmbito nacional que enfatizem o uso de aparatos tecnológicos no ensino de leitura e escrita nos anos iniciais do EF?
- 2) Quais aparatos tecnológicos estão presentes no ensino de leitura e escrita dos anos iniciais do EF?
- 3) A tecnologia pode ser usada como meio motivacional para o ensino de leitura e escrita nos anos iniciais do EF?
- 4) Como acontece o uso de tecnologia durante o processo de aquisição de leitura e escrita nos anos iniciais do EF? Estes questionamentos perpassam a percepção de diversos pesquisadores na área (WEBER; SANTOS; CRUZ, 2014).

Como objetivo geral pretende-se compreender os aspectos gerais do processo de ensino da leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental no horizonte do desenvolvimento tecnológico. Como objetivos específicos, busca-se:

- 1) investigar se existem estudos no âmbito nacional que enfatizem o uso de aparatos tecnológicos no ensino de leitura e escrita nas séries iniciais do EF;
- 2) verificar quais aparatos tecnológicos estão presentes no ensino de leitura e escrita das séries iniciais do EF;
- 3) identificar se a tecnologia pode ser usada como meio motivacional para o ensino de leitura e escrita nas séries iniciais do EF;
- 4) investigar como acontece o uso de tecnologia durante o processo de aquisição de leitura e escrita nas séries iniciais do EF.

Sendo assim, este trabalho se justifica por trazer para o debate a questão sobre o uso da tecnologia no ambiente educacional, como um meio de encantamento e motivação na aquisição da leitura e escrita, de maneira que garanta aos alunos uma aprendizagem mais significativa, visto que, atualmente, o mundo está atrelado à tecnologia. Assim, para fins deste estudo, utiliza-se de teorias articuladas aos pressupostos de PRETTO (2011), BINOTTO (2014), SANTOS (2017), OLIVEIRA (2015), MORAN (2007), KLEIMAM E MORAES (1999), entre outros.

Portanto, para um melhor entendimento frente aos teóricos, vale dizer que conforme PRETTO (2011), a tecnologia faz parte do mundo contemporâneo, a qual está inserida em todos os espaços de comunicação, ou seja, compreende-se que se torna cada vez mais amplo o universo de informações frente à era digital. Diante disto, vale dizer que a tecnologia está presente em diversos campos da atividade humana e também se faz presente no ambiente educacional, sendo assim, uma forma de inserção de conteúdos frente às práticas educacionais.

Para Binotto (2014), a utilização dos recursos tecnológicos na sala de aula pode intensificar o processo da leitura e a escrita para Santos (2017), os educandos também devem ser alfabetizados por meio da tecnologia, visto que o uso tecnológico deve ser considerado como um meio motivacional e produtivo frente ao processo educativo; mesmo porque esse progresso tecnológico já se faz presente na vida cotidiana de grande parte da população.

Ainda no que diz a respeito ao processo de ensino-aprendizagem diante desse contexto tecnológico, vale dizer que adequar as novas tecnologias ao processo de leitura é fundamental, é preciso fazer uso das ferramentas tecnológicas nesse processo como meio motivacional frente à aquisição da leitura e escrita. Conforme Oliveira (2015), em seu estudo realizado com usos de livros digitais frente ao processo de leitura, é necessário utilizar-se dos recursos tecnológicos como meio de incentivo ao desenvolvimento da leitura e escrita. O autor constatou que houve progresso no processo de leitura, como também na escrita dos educandos.

Vale, também, ressaltar que de acordo com Moran (2007), para que ocorra uma educação através do uso dos aparatos tecnológicos como incentivo ao processo de ensino de leitura e escrita, é preciso que o educador tenha um domínio tecnológico. Assim, é importante dizer que todos devem estar preparados frente a esse mundo tecnológico, visto que os processos de ensino perpassam as novas tecnologias. Desse modo, conforme Kleimam (1999) e Moraes (1999) é preciso formar cidadãos com competência leitora, perante as incontáveis possibilidades comunicativas, visto que a sociedade contemporânea está atrelada à tecnologia.

Optou-se pela revisão sistemática de literatura como escolha metodológica, para o desenvolvimento desse trabalho. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica básica, buscando maiores conhecimentos teóricos em relação ao processo de alfabetização frente ao uso da tecnologia e sua devida investida comparativa, crítica e expositiva. Para compreendermos melhor essa relação do uso da tecnologia frente ao processo educacional, o trabalho está dividido em seis capítulos. O primeiro capítulo é a Introdução, trazendo, principalmente, a problemática, a justificativa e os objetivos do trabalho. O segundo capítulo está relacionado à leitura em sala de aula, ou seja, discursa sobre o desenvolvimento da alfabetização, considerando todo o contexto no qual a criança está inserida. Este capítulo aborda, também, a questão da tecnologia no ambiente da educação e faz referência a uma alfabetização repensada, tendo em vista a era tecnológica.

No terceiro capítulo e faz referência à tecnologia no mundo atual, as evoluções ocorridas ao longo dos anos como, por exemplo, a evolução tecnológica e no que diz respeito ao processo de aprendizagem frente a esta evolução. Aborda também sobre as gerações conectadas, ou seja, os nativos digitais e os imigrantes digitais. Ainda relata sobre a tecnologia na vida das crianças e como incluí-la no contexto da sala de aula de forma que a aprendizagem seja significativa.

O quarto capítulo aborda as questões pertinentes à motivação frente ao processo de ensino, às práticas tradicionais e práticas modernas de leitura. Faz, também, uma abordagem sobre o letramento digital, o qual está relacionado com as práticas de leitura e escrita em ambientes virtuais. Relata ainda sobre a contribuição dos recursos tecnológicos como meio motivacional para a leitura de textos literários.

O quinto capítulo apresenta uma discussão sobre a educação frente à era digital, no que se refere ao desenvolvimento da aprendizagem de leitura e escrita dos anos iniciais do EF dentro do contexto tecnológico, discutida com base nas informações teóricas relatadas no trabalho exposto. Essa discussão é motivada por uma tentativa de responder às perguntas norteadoras do presente estudo.

Por fim, o sexto capítulo contém as considerações finais, ou seja, a conclusão.



## 2 A LEITURA EM SALA DE AULA

Muito se fala sobre a alfabetização como se fosse à capacidade de se juntar uma letra à outra e formar uma sílaba, juntar uma sílaba à outra para formar uma palavra e, conseqüentemente, formar uma frase e produzir um significado. Entretanto, ler e escrever, especialmente na segunda década do século 20, contempla uma gama de fatores que vão desde as relações familiares, as inserções sociais, a vivência escolar e o mundo digital.

A alfabetização, de modo geral, é comumente compreendida como a habilidade de leitura e escrita. Embora esses sejam componentes essenciais da alfabetização, hoje a compreensão da alfabetização abrange muito mais. Azevedo (2017) defende que a alfabetização não se limita à compreensão do que é escrito, mas se movem na capacidade, confiança e vontade de se envolver com a linguagem para adquirir, construir e comunicar o significado em todos os aspectos da vida diária. Essa mesma pesquisadora ainda entende a alfabetização como um processo em que a linguagem é explicada como um sistema de comunicação social e culturalmente construído (AZEVEDO, 2017).

O desenvolvimento da alfabetização não ocorre apenas na sala de aula, visto que, é uma responsabilidade compartilhada entre toda a escola e toda a comunidade na qual a criança se insere. Embora conhecimentos e habilidades específicas sejam ensinados principalmente nas séries específicas para a alfabetização, é de se considerar a influência de todo o contexto no qual a criança se insere, no sentido de desenvolver, fortalecer e melhorar a alfabetização. Cada aspecto tem suas próprias contribuições no horizonte da alfabetização, o que é contemplado, também, na LDB e nos PCN's (MACIEL; CASTANHEIRA; MARTIN, 2008).

De igual maneira, a professora alfabetizadora conhece seu assunto e seus métodos de ensino que possibilitam uma alfabetização efetiva frente aos seus programas de estudo. Ela está ciente dos requisitos necessários para a alfabetização e entende que é através da alfabetização que o significado é feito a partir da leitura de um texto. Sabe-se, com isso, que os alunos precisam aprender como ler diferentes tipos

de texto, escrever e se expressar nos formatos associados a cada assunto e usar o vocabulário específico do conteúdo (COZER, 2004; AZEVEDO, 2017).

No horizonte daquilo que Azevedo (2017) explica, e do que Cozer (2004) aprofunda, considera-se que a alfabetização começa a partir do momento em que a criança nasce, visto que é aí que se inicia a sua jornada de comunicação, interação social, relação com uma cultura e com um idioma. Ou seja, as habilidades da alfabetização na mais tenra idade das crianças são iniciadas, processadas e executadas por suas famílias, pela comunidade em que elas vivem pelo círculo de amizade e até mesmo pelos valores que são transmitidos no cuidado com a alimentação, com o brincar etc.

Assim, as diversas ações do bebê já indicam, de algum modo, o processo de interação com o mundo da linguagem: quando o bebê sorri ou chora para comunicar aos seus pais as suas necessidades, quando a criança começa a formar as suas primeiras palavras ou a interpretar os diversos códigos e símbolos ao seu redor, ou até mesmo quando a criança ri ou reage a alguma história contada pelos pais/responsáveis (COZER, 2004).

Verifica-se, ainda, o processo de alfabetização na pré-escola, quando se canta uma música infantil para a hora do lanche, ou para introduzir alguma atividade. Enfim, a alfabetização das crianças vai desde os primeiros contatos com as pessoas ao seu redor até o momento em que elas se encontram em idade escolar (COZER, 2004).

Portanto, pensar a alfabetização simplesmente como um mecanismo que ocorre em sala é ignorar um processo ainda mais profundo. E isso leva a entender que a formação de professores deve contemplar o caráter relacional entre escola e família, visando à alfabetização e o processo de inserção e desenvolvimento da criança no mundo das linguagens (COZER, 2004).

## 2.1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA, AS TECNOLOGIAS E O LUGAR DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Quando as crianças entram no sistema escolar, há um forte foco no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita (COZER, 2004). As crianças se

envolvem em oportunidades de aprendizado que as fazem interagir com muitas formas diferentes de texto, em formulários impressos e digitais, usando palavras, recursos visuais e gráficos. Alunos começam a aprenderas regras da língua portuguesa, a como adquirir informações, a avaliá-las e usá-las, a utilizar a linguagem com respeito, a como construir significado a partir de vários tipos de texto e como se comunicar efetivamente (COZER, 2004).

À medida que os alunos passam pelo sistema escolar, eles continuam a refinar todas as suas habilidades fundamentais, enquanto vão explorando uma ampla variedade de textos e tecnologias. A vasta quantidade de informação disponível através da impressão e da Internet, e a capacidade de comunicar com públicos amplos e variados, em todo o mundo, expandiram as formas como os nossos estudantes leem e se comunicam. Ler, para os alunos na presente era, também significa prepará-los para serem consumidores críticos e éticos de informações, dadas as inúmeras demandas dos contextos de leitura e produção de texto, bem como da velocidade da informação, ou seja, como elas acontecem e como elas chegam até os consumidores de informação (GOMES, 2016):

Sob a perspectiva do sistema educacional, a tecnologia digital assume uma função importante em termos de apoio pedagógico, assim, saber usufruir conscientemente dessa nova ferramenta de ensino e de todo o potencial técnico que a sociedade cibernética oferece parece ser um caminho elementar nos dias de hoje. Em meio à complexidade do processo de ensino e aprendizagem, o advento da internet possibilita novas metodologias de ensino que geram maneiras diferentes, interessantes e criativas de ensinar. Nesse sentido, um procedimento essencial consiste na avaliação da conduta dos profissionais da Educação diante das ferramentas tecnológicas que estão sendo inseridas no âmbito educacional (GOMES, 2016, p. 26).

Assim, é fundamental que os profissionais da educação estejam aptos para o desenvolvimento da leitura nesse importante contexto de produção de informação. As ideias e situações emergentes no contexto digital, bem como da forma em que a sociedade e os alunos usam dispositivos digitais, já estão desafiando as formas tradicionais de abordagem textual. Estas ideias também fomentam discussões sobre o que significa a alfabetização na era digital.

Assim, é importante notar que existem variações significativas no uso da tecnologia. No entanto, para a maioria dos alunos e professores, é notória a presença constante

dos aparatos eletrônicos desde o momento em que acordam (alarme do celular) e, também, em momentos aleatórios (aplicativos para jogos, por exemplo), comunicação (mídias sociais), aprendizado e consumo de informação (*websites* em geral) até o momento em que vão dormir (ouvindo música no dispositivo). Portanto, deve-se considerar os relacionamentos e interações que a sociedade em geral possui com o mundo digital, o que traz para a realidade da educação aspectos relevantes para se pensar o que significa alfabetizar e ser alfabetizado nesse contexto (GOMES, 2016).

É inegável que ler pode ser tanto uma atitude prazerosa quanto produtiva. De igual maneira, é de se pensar que a criança tende a perceber os aparatos digitais como fonte de diversão mais do que um livro. Assim, o desenvolvimento infantil pode ser pensado nesta ponte entre a tecnologia e as práticas educacionais curriculares. Isso permite refletir sobre como trabalhar o desenvolvimento integral da criança a partir daquilo que ela já usa, ou seja, a tecnologia.

Para Binotto e Sá (2014, p.320), a utilização dos recursos tecnológicos na sala de aula pode potencializar a leitura e a escrita e “desenvolver a (re) construção de outros conhecimentos importantes para a vida em sociedade e para a escolarização”.

Nesse contexto, compreende-se que aliar as tecnologias ao processo de ensino impacta os avanços do processo de aprendizagem da alfabetização.

Segundo Moran (2007, p. 118), educar utilizando a tecnologia digital, notadamente, o computador:

[...] exige mais dedicação do professor, mais apoio de uma equipe técnico-pedagógica, mais tempo de preparação. ... O que muda então no papel do professor? Muda a relação de espaço, tempo e comunicação com os alunos. ...é um papel de animação e coordenação muito mais flexível e constante que exige atenção, sensibilidade, intuição e domínio tecnológico.

Ainda no que diz respeito ao uso da tecnologia frente ao processo de aprendizagem, Lucena (2002) menciona que o uso do computador na escola só faz sentido na medida em que o professor o considerar:

[...] como uma ferramenta de auxílio e motivadora à sua prática pedagógica, um instrumento renovador do processo ensino aprendizagem que lhe forneça meios para o planejamento de situações e atividades simples e criativas e que, conseqüentemente, lhe proporcione resultados positivos na avaliação de seus alunos e de seu trabalho (LUCENA, 2002, p. 2).

Assim, vale ressaltar que os aparatos tecnológicos são grandes aliados de incentivo à leitura, favorecendo, assim, um melhor aprendizado, uma vez que a leitura aprimora a escrita e amplia os horizontes. Assim, através da leitura podem-se ter vários conhecimentos e ampliar a visão de mundo que nos rodeia.

Ou seja, as formas e modelos de como trabalhar são múltiplas e variadas, cabe ao professor, a partir do trabalho que desenvolve com os educandos, propor situações de aprendizagem capaz de motivá-los a ler e escrever, assim conduzindo-os a uma formação cidadã, pois através das tecnologias digitais poderão interagir fazendo uso das práticas de leitura e escrita, permitindo-os a ampliação da comunicação humana a partir da integração da oralidade, da escrita e do visual.

Diante desse contexto, o incentivo ao hábito da leitura perpassa pela adequação às novas tecnologias, o qual cabe aos educadores utilizar as ferramentas tecnológicas nesse processo.

Segundo Oliveira (2015), em estudo realizado para averiguar o uso dos livros digitais no incentivo a leitura, constatou-se que houve progresso dos educandos em termos quantitativos, identificando que houve avanços no incentivo à leitura, bem como melhora na escrita. Assim:

[..] observou-se que a partir dos encontros, os alunos apresentaram modificações de comportamento quanto a leitura e aos momentos de leitura em sala de aula, ao serem incentivados na rotina de sala de aula e com o uso dos livros digitais online interativos. Foi possível perceber que as intervenções e incentivos motivaram os alunos a envolverem-se nas leituras e jogos de tarefas, de modo que, a cada encontro, mostraram-se empolgados em conhecer mais histórias, em jogar, em ganhar pontos, em conversar com os colegas chat e sem subir de nível, o que favoreceu o crescimento da leitura e escrita nas avaliações realizadas em salas de aulas após os encontros (OLIVEIRA, 2015, P. 47-48).

O estudo de Oliveira (2015, p.49) demonstrou que a utilização dos livros digitais na contação de histórias mostra-se atraente, narrando situações que tenham

proximidades com situações vividas pelas crianças. Foi também constatado que o professor, ao incentivar os alunos que não sentem interesse pelo livro impresso, poderia utilizar os livros digitais como uma ferramenta didático-pedagógica.

Além disso, salienta Brito (2010), a leitura é um dos meios considerados mais importantes para todas as novas aprendizagens, pois ela possibilita a construção e fortalecimento de novas ideias e novas posturas (BRITO, 2010, p.27):

Os benefícios que a leitura promove numa sociedade são inúmeros, o resgate da integração da cidadania, desenvolvimento de um olhar crítico, competências, a integração social, a ampliação de seus horizontes e de um vocabulário, além de profissionais capacitados e competentes. A leitura deve ser complementar ao domínio da escrita e cabe ao professor e aos pais estimular o pensar, o refletir, o participar e o agir destes indivíduos (BRITO, 2010, p.27).

Nesse sentido, Kleimam e Moraes (1999, p. 90) ressaltam que “as sociedades altamente tecnológicas precisam de indivíduos que possam continuar o processo de aprendizagem independentemente e, para isso, o cidadão precisa ler”. Dessa forma, é preciso entender que em uma sociedade multiletrada exige-se uma competência leitora perante as inúmeras possibilidades comunicativas.

Porém, é importante compreender as diferentes formas existentes no processo de aquisição da leitura e escrita nas etapas iniciais visto que, atualmente, o ensino perpassa as novas tecnologias. Diante disso, vale ressaltar que o processo evolutivo da leitura e escrita passa por cinco níveis de aprendizagem.

Assim, Ferreiro e Teberosky (1985) definem, em *Psicogênese da língua escrita*, cinco níveis, a saber: nível 1 – hipótese pré-silábica; nível 2 – intermediário I; nível 3 – hipótese silábica; nível 4 – hipótese silábico-alfabética ou Intermediário II; nível 5 – hipótese alfabética. Estes níveis evidenciam o “processo evolutivo de aprender a ler e a escrever que passa por níveis diferenciados de conceptualização, reveladores das hipóteses que construiu” (RUSSO, 2012, p. 32).

É importante compreender melhor as características principais destes níveis de aprendizagem da leitura e escrita, sendo que em relação ao nível 1, na hipótese pré-silábica, o alfabetizando não estabelece um vínculo entre a fala e a escrita, ou seja,

a criança não relaciona as letras com os sons da língua falada. Nessa fase, é bastante comum o registro de desenhos e rabiscos para escrever; como, também, usam-se os mesmos sinais para escrever tudo o que desejam, ou seja, pseudoletas, que são as letras inventadas pelas crianças. Assim, acreditam que os nomes de pessoas e animais têm relação com o tamanho ou idade, dessa maneira a escrita de palavras como “cavalo” e “elefante”, por exemplo, é usada com pseudoletas grandes, e para a palavra “bebê” são usadas pseudoletas menores. Portanto, as categorias linguísticas como: letra, palavra, frase e texto, não são definidos pelas crianças nessa fase.

No nível 2, intermediário I, a criança percebe que existe alguma relação entre a pronúncia e a escrita e, mesmo não sabendo escrever, ela realiza tentativas de aproximação, onde começa a utilizar marcas de garatuja, números e letras.

No nível 3, na hipótese silábica, o alfabetizando começa a ter uma compreensão que existe diferença nos sons das palavras e passa a escrever de maneira diferente cada uma das letras, assim, interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma, ou seja, cada sílaba representa uma letra.

No nível 4, na hipótese silábico-alfabética, a criança passa a ter compreensão que as sílabas possuem mais uma letra, assim, começa a reconhecer os demais fonemas(sons) das palavras e passa a empregá-los.

No nível 5, nessa última hipótese, a alfabética, o alfabetizando já faz uma reprodução adequada entre todos os fonemas de uma palavra, assim, relacionando corretamente uma escrita convencional, dominando, enfim, o valor das letras e sílabas. Assim, vale dizer que esses níveis de aprendizagem e aquisição da leitura e escrita, em um primeiro momento, parecem ser vistas de forma confusa, mas é o caminho para o desenvolvimento da leitura e escrita.

Contudo, importante ressaltar que diante das inovações tecnológicas o processo de alfabetização pode tornar-se mais prazeroso, atrativo, interessante e com aprendizagens significativas, visto que as utilizações de aparatos tecnológicos se

tornam cada vez mais significativos. Dessa forma, se faz cada vez mais necessário oferecer novas possibilidades e novas formas de aprendizagem aos educandos.

Para Teberosky (2003), com o uso do computador, as crianças aprendem a conhecer o teclado da máquina, pois no teclado estão as letras do alfabeto, além de outros signos. A materialização no teclado ajuda-as a representar o conjunto finito de letras com as quais se trabalha e, além disso, ajuda-as a estabelecer relações tipográficas. De fato, enquanto no teclado as letras estão representadas sem caixa alta, na tela aparecem em minúscula. Isto é, ao pressionar uma letra maiúscula aparece uma minúscula, e isso deve colaborar na construção de um sistema de correspondência entre maiúsculas e minúsculas (TEBEROSKY, 2003, p.31).

O uso das ferramentas tecnológicas permite cada vez mais uma mudança no processo de ensino, frente o desenvolvimento da leitura e escrita. Conforme Mello (2004, p.174):

Em termos das experiências com leitura /escrita verifica-se que ler e escrever usando o teclado pode ser (na visão das crianças) um grande “barato”, mesmo os que ainda não reconhecem as letras do alfabeto.

Assim sendo, compreende-se que a evolução tecnológica impacta as formas da aprendizagem da leitura e escrita, visto que as crianças já vivem em uma sociedade digital.

Nesse sentido, é importante entender que os recursos tecnológicos e suas possibilidades na construção do conhecimento do aluno, frente às atividades educacionais voltadas na aprendizagem da leitura e escrita, devem estar presentes em todos os níveis da aprendizagem fazendo, assim, parte do contexto escolar.

Enfim, sabe-se que é preciso garantir que as hipóteses da escrita se potencializem entre as relações de letras e sons e a compreensão de palavras e textos. No entanto, é necessário introduzir características da cultura digital no processo de alfabetização, ou seja, fazer uso da tecnologia frente a esse processo. É preciso entender que o contato das crianças com tecnologias digitais acontece cada vez mais cedo, assim, as práticas pedagógicas com os recursos digitais podem influenciar na aprendizagem.



## 2.2 A ALFABETIZAÇÃO REPENSADA

Uma das primeiras considerações a serem feitas nesse âmbito é em relação à eficácia de projetos de alfabetização em larga escala, ou sobre o próprio conceito e necessidade de alfabetização. Dito de outra forma, no geral, não é tarefa penosa ensinar a junção das letras da palavra “banana”, demonstrando que a disposição correta das letras possibilita uma sonoridade tal que remeta à fruta. O mais difícil é formar um bom leitor, um leitor motivado e crítico, ou seja, despertar na criança o desejo de ler e ter a leitura como um hábito.

Os professores são incentivados a crer que os seus esforços enquanto alfabetizadores proporcionarão a todos os brasileiros uma educação sólida, que eles contribuem efetivamente para o crescimento da educação do país. De certa forma, isso é verdade. No entanto, o número de leitores assíduos no Brasil deflagra uma realidade penosa: há um déficit nos rudimentos da alfabetização (SILVA, 2003; MORENO, 2016).

A partir desta reflexão, e tendo em vista que a tecnologia é uma parte indispensável da vida cotidiana, considera-se que os indivíduos devem ser alfabetizados também em tecnologia, por meio da tecnologia, como um dos fatores motivacionais eficazes (SANTOS, 2017). A tecnologia não apenas confere suporte à vida cotidiana, mas também aumenta o ensino e a aprendizagem. O suporte tecnológico para o processo de ensino e aprendizagem só é possível se a tecnologia for integrada à educação. O professor é o divisor de águas para a integração da tecnologia na educação, e as instituições de formação de professores são o ponto de partida.

A importância da relação da alfabetização, e letramento, com o conteúdo tecnológico é capaz de ser um fator motivacional. Nesse sentido, é preciso entender que a alfabetização e o letramento caminham juntos, pois se sabe que o processo de alfabetização se desenvolve na habilidade de ler, e escrever e o letramento se desenvolve nas práticas de leitura e escrita, nos mais diversos contextos sociais, visto que um indivíduo letrado é capaz de ler e interpretar textos de diversas formas. Diante disso, postula-se que os professores precisam ser primariamente alfabetizados em tecnologia para usar efetivamente a tecnologia na educação.

A relevância do letramento digital para a formação de leitores, já nos primeiros anos do Ensino Fundamental, relaciona-se às possibilidades de acesso a textos em formato digital, assim como compreendê-los, selecioná-los e ter a habilidade de aproveitar melhor as tecnologias em prol da sua formação. Afinal, grande parte das crianças tem acesso à internet e aos aparelhos tecnológicos, porém, os utilizam indiscriminadamente.

A sociedade contemporânea está na era digital, onde a difusão do ciberespaço altera as relações humanas em diversos aspectos como: sociais, trabalhistas e educacionais (PRETTO, 2011). Desse modo, discutir como essas transformações afetam a sociedade se torna importante, especialmente nas escolas brasileiras que enfrentam diversos problemas.

A era digital também é conhecida como a era da informação, pois o acúmulo de referências nunca foi tão rápido e fácil. Nessa era, os avanços tecnológicos apresentam novas formas de se relacionar com a aprendizagem, exigindo novas habilidades e competências para se lidar com os informes que são mais acessíveis.

É importante salientar que o excesso de informações não significa conhecimento. Ele é construído de modo que o estudante alcance o pensamento crítico, tão valioso na sociedade contemporânea, onde a educação se torna um investimento para o desenvolvimento econômico social de um país (BARROSO; CAMARGO, 2010). Podemos, logo, dizer que estamos na era da informação e do conhecimento.

Entretanto, dados da PISA (2015), Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, alertam para as condições da leitura dos estudantes brasileiros, as provas avaliaram alunos de 15 anos de 72 países e o Brasil ficou na 59ª posição na avaliação de letramento em leitura, caindo no ranking mundial (em ciências e matemática, os resultados não foram melhores).

Além do PISA, os resultados do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), com relação à aprendizagem de português dos alunos do ensino médio brasileiro, no ano de 2017, são preocupantes. “Apenas 1,6% dos alunos avaliados demonstraram

níveis de aprendizagem adequados em língua portuguesa”. Esse “percentual equivale a 20 mil estudantes dos 1,4 milhão que fez a prova” (INEP, 2017).

Apesar de ter acesso à informação - 69,8% da população brasileira com idade acima de dez anos têm acesso à internet segundo pesquisa do IBGE (2017) – os alunos brasileiros, em específico os do ensino médio, não estão desenvolvendo seus conhecimentos. Na verdade, comparando os resultados, percebe-se que nas últimas avaliações eles caíram.

Esses dados comprovam a crise com crescimento exponencial do ensino médio brasileiro. As diversas dificuldades encontradas, que vão da evasão escolar à formação do professor, podem ter como uma das respostas o fato de a sociedade ter mudado sua relação com a aprendizagem. Logo, investir em educação e em ferramentas de gestão do ensino é essencial para o país sair desse lugar. Como exemplo, pode-se citar Singapura que é um dos países que investiram em conhecimento e está no topo do ranking do PISA (2017) em todas as matérias. Além disso, a escola precisa se reestruturar para atender as demandas da sociedade a sua volta.

Bauman (2001), que baseia seu ponto de vista sobre a educação em Michel Foucault, considera que o modelo de escola desenvolvido na modernidade não atende ao aluno de hoje. Ela, nesse contexto, continua sendo uma instituição responsável pela ordem, onde apenas os professores são os detentores do saber. Em consequência disso, nota-se que com a transição da modernidade<sup>2</sup> para a modernidade líquida<sup>3</sup> a educação, ainda, enfrenta diversos problemas (BRACHT; GOMES; ALMEIDA, 2016).

---

<sup>2</sup>O século XVI foi o século das navegações e para Berman é considerado o início da idade moderna que vai até o século XVIII, este período também é marcado pelo princípio do capitalismo. A revolução Francesa em 1790 começa com a segunda fase que vai até o século XIX, neste período a sociedade busca por grandes mudanças em diversos setores e apresenta um espírito revolucionário. Todavia, até então, Berman não considerou o homem totalmente moderno, por não existir dualidade de ideias e questionamento dos antigos costumes. No século XX, com o avanço tecnológico e a criação da internet, o termo se expande e as pessoas começam a ter contato com diferentes pensamentos e formas de comunicação (BERMAN, 1986).

<sup>3</sup>No século XXI o termo modernidade começa a ser questionado, pois as ideologias anteriores já não se sustentavam. Para compreender esse conceito, precisa-se entender o que é líquido e seu dito oposto: o sólido. Os líquidos são fluidos, já os sólidos não se deformam quando imóveis. "Em

É importante entender que com a passagem da modernidade para a modernidade líquida aconteceram várias mudanças em todos os aspectos, sendo que no período que antecedeu a então dita modernidade líquida, o mundo estava associado a conceitos de comunidade, valores e a sensação de segurança, no qual existiam algumas certezas e sensação de controle sobre o mundo. Com o surgimento das novas tecnologias, e a globalização, ocorreu a perda da ideia do controle sobre os processos do mundo, com as incertezas quanto a capacidade de adequação aos novos padrões sociais, de modo que observa-se que o sistema educacional de ensino, em tempos remotos, mantinha a transmissão do conhecimento de forma que o professor era o único detentor do saber, das informações no processo da aprendizagem. Atualmente, as fontes de informações são bastante variadas, tornando professores e alunos mais acessíveis. Além disso, com os avanços tecnológicos, e a inserção destes no espaço educacional, ocorre uma nova realidade de ensino, como um apoio e incentivo na realização das práticas pedagógicas frente ao processo de aquisição da leitura e escrita.

Diante do exposto, conseguimos perceber a necessidade de se buscar novas formas para se desenvolver o nível de aprendizado da leitura e escrita e, conseqüentemente, de letramento das crianças brasileiras. Afinal, a leitura é a forma mais eficiente de se adquirir o conhecimento (essencial na sociedade moderna), portanto, é preciso que se tenha uma visão mais abrangente frente à modernidade, para que, assim, se trabalhe o processo da leitura de forma mais dinâmica, que possibilite uma melhor e maior produtividade na aprendizagem. Para tanto, é necessário, em dias atuais, a aplicação de atividades de leitura e escrita de formas diversas, que incluam o universo tecnológico, visto que o educando já faz parte desse universo. Assim, além de desenvolver e propor atividades de leitura e escrita por meio do uso de lápis, cadernos e livros impressos, é preciso que se compreenda a importância da inserção dos recursos digitais; como o uso de computadores, *tablets* e livros digitais como formas de ampliação do processo de alfabetização. Embora o texto seja o maior veículo da palavra escrita, a relação texto/ leitor, com o

---

linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade" (BAUMAN, 2001, p. 8).

passar dos anos, muda e exige novas competências cognitivas, pois os textos não se apresentam mais somente da forma impressa (COUTINHO; LISBÔA, 2011).

Diante disso, é importante entender que a leitura e a escrita já não estão mais pautadas somente de uma única forma, e em um único meio, assim, ocorrendo mudanças e inovações no processo da linguagem falada e da linguagem escrita, ou seja, em uma sociedade moderna e tecnológica é preciso compreender que o uso da linguagem está presente na vida do ser humano de maneira diferente de antigamente, portanto é necessário que se adeque aos novos meios, de modo que ocorra uma aprendizagem efetiva e atual no processo de ensino.

Sendo assim, buscar formas de mediar a aprendizagem da leitura e escritas e mostra relevante para a construção do conhecimento. Enfim, é preciso que a educação moderna ajude os educandos a construir o próprio conhecimento propiciando-os um espaço de interação, comunicação frente à era digital.

### **3 A TECNOLOGIA NO MUNDO ATUAL**

Um fenômeno muito comum na década de 2010 é o uso da tecnologia atrelada aos *smartphones* e *tablets*. Tanto adultos quanto crianças trazem consigo os aparatos tecnológicos de modo a agregar diversões, informações e relacionamentos. Se os adultos conhecem as revistas, os jornais e os livros de modo mais prático e difuso, o mesmo não pode ser dito pela geração da presente década. Há, inclusive, um famoso vídeo, datado de 2011, em que uma criança trata uma revista como se fosse um *tablet*, fato que chegou a integrar os sites de notícia<sup>4</sup>.

Deste modo, é fundamental que os professores resgatem, mais do que nunca, a importância da leitura, da literatura, do livro e de todo o universo textual em sala de aula. As crianças começam a ter um contato mais massivo com o texto nos anos iniciais do ensino fundamental. Com isso, quanto mais cedo houver uma consolidação das bases que formam bons leitores, tanto mais resultados positivos

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/veja-um-bebe-tratar-uma-revista-como-se-fosse-um-ipad/>> Acesso em: 21 set. 2018.

poderão ser obtidos. Sendo assim, o presente capítulo aborda a realidade cotidiana da tecnologia, com um destaque sobre o seu lugar na educação.

### 3.1 OS DESDOBRAMENTOS TECNOLÓGICOS DO SÉCULO XX AO XXI

O surgimento do computador na década de 60 e as constantes evoluções ocorridas ao longo dos anos vêm ressignificando a forma de trabalhar e aprender. O advento da internet, nos anos 2000, e a evolução dos meios de acesso à informação em dispositivos móveis têm provocado mudanças significativas no modo como as pessoas de qualquer faixa etária lidam com o texto. E isso se aplica aos primeiros anos do ensino fundamental. E, nesse contexto, surgiram recursos e aplicativos educacionais voltados exclusivamente para a educação.

De acordo com Silva (2016), o computador e os demais aparatos tecnológicos têm propiciado novas maneiras de ver e perceber o aprendizado, em suas formas educacional, social e tecnológica, sendo possível ter acesso aos conhecimentos que podem ser científicos, empíricos e até intuitivos. Isso contribui para a formação de uma nova forma de pensar, agir e de se relacionar socialmente, inaugurando uma nova cultura e um novo modelo de sociedade.

A humanidade já passou por diversas evoluções tecnológicas, desde o pergaminho usado na escrita à invenção do livro ao surgimento de instrumentos para reprodução de sons ao computador. A evolução tecnológica trouxe uma nova maneira de nos comportarmos no mundo globalizado, que está proporcionando uma maior democratização de acessos à informação e à comunicação:

O computador é uma ferramenta extremamente versátil, com enorme capacidade de adaptação; pode ser usado para inúmeras tarefas, tanto no trabalho como no lazer, tanto na educação como na pesquisa. É na educação, porém, que se reflete mais sobre essa versatilidade, principalmente em termos do papel que o computador deve desempenhar (LEFFA, 1999, p.15).

Saber usar os recursos computacionais de forma consciente torna possível dinamizar o acesso ao conhecimento, proporcionando maior interatividade e prática da leitura e da escrita, que podem ocorrer em tempos e espaços distintos.

De acordo com Moran (2000) “É importante na aprendizagem integrar todas as tecnologias, as telemáticas, as audiovisuais, lúdicas, as textuais, musicais”. Para diversos pesquisadores como Silva (2016) e Leffa (1999), a tecnologia educacional não se limita apenas ao uso do computador, mas também engloba o uso da televisão, do vídeo, do livro, do rádio etc. Estes elementos devem ser pensados como recursos de enriquecimento e interatividade no ato do ensino da leitura.

Com a facilidade e a democratização do acesso às tecnologias computacionais, que possibilitam a interação entre o humano e a máquina, têm surgido metodologias de como inserir estes recursos para se trabalhar a leitura no ensino fundamental, de modo motivador, autônomo e capaz de proporcionar práticas educacionais contextualizadas com a realidade dos estudantes da contemporaneidade.

### 3.2 AS GERAÇÕES “CONECTADAS”

Talvez fosse algo surpreendente para uma pessoa adulta, de trinta anos, no início da década de 1990, pensar na possibilidade de utilizar as tecnologias como formas de aprendizado. Essa pessoa adulta conseguiria fazer uma separação entre o mundo digital – ainda que nascituro – e os livros. O mais próximo que as massas chegavam de uma inovação digital se dava nas fitas K7, por meio de cursos de idiomas, cursos profissionalizantes etc. Todavia, os alunos das séries iniciais do ensino fundamental, às vésperas da terceira década do século XXI, não fazem distinção entre o real e o virtual e digital. E isso serve tanto para as redes sociais, para os processos de trabalho, de interações, comunicação, quanto para o aprendizado.

Com base nessa indissociabilidade entre a esfera real e a esfera digital, estudiosos costumam chamar os atuais estudantes, inclusive aqueles dos anos iniciais do ensino fundamental, de nativos digitais. Essa expressão designa as pessoas que nasceram após o ano de 1990 e que usam as tecnologias como parte das suas vidas. São jovens que nasceram no auge das evoluções tecnológicas e que cresceram conectados a ela. Os nativos digitais também são chamados de geração Z (PASSERO, ENGSTER, DAZZI, 2016).

A geração dos nativos digitais possui identidades virtuais, pois passam a maior parte do tempo conectada através das redes sociais, jogos *online* e estão inseridos nas inovações tecnológicas.

O cérebro dos “nativos” se desenvolveu de forma diferente em relação às gerações pré-internet. Eles gostam de jogos, estão acostumados a absorver (e descartar) grande quantidade de informações, a fazer atividades em paralelo, precisam de motivação e recompensas frequentes, gostam de trabalhar em rede e de forma não linear (TORI, 2010, p. 218).

Os nativos digitais são capazes de fazer diversas atividades simultâneas como escutar música, ler, participar de conversas em grupos e manusear os novos aparatos tecnológicos. Eles fazem isso com a maior naturalidade, pois já nasceram teclando e interagindo no meio digital, o que os levou a desenvolver uma nova maneira de aprender, que é autônoma e não linear. O uso das novas tecnologias provoca, inclusive, transformações na maneira de civilizar e relacionar-se com outros povos, assim como na forma de auxiliar e compartilhar conhecimento, motivando no processo de ensino aprendizagem.

Os nativos digitais estão inseridos nos meios tecnológicos de forma a não perceber o quanto suas relações e comunicações estão sendo inspiradas pelas tecnologias contemporâneas. Assim, a tecnologia está assumindo características onipresentes na sociedade. Com isso, as tecnologias da informação dizem respeito à “progressiva interação dos meios informáticos nos diferentes contextos de desenvolvimento dos seres humanos, de maneira que não são percebidos como objetos diferenciados” (COLL e MONEREO 2010, p. 46). Desse modo, a sociedade humana se faz presente com a existência das grandes demandas de informações que são introduzidas nos espaços de comunicações frente à utilização dos aparatos tecnológicos.

Essa geração já está acostumada a usar o computador, assistir televisão, acessar a internet em dispositivos móveis como o celular e o *tablet*, além de conviver com dezenas de informação. Isso possibilita ter um maior conhecimento de mundo, o que muitas vezes não é valorizado na escola e no ensino- aprendizagem de línguas.



A geração Z nasceu na era digital, na era da informação e comunicação. Essas pessoas estão a todo instante conectadas, adquirindo informações e conhecimentos, o que torna propício a inserção de aplicativos educacionais na prática docente como forma de contextualizar a sala de aula com o mundo virtual praticado pelos discentes.

A naturalidade com que a geração Z acessa a internet em seus dispositivos móveis para adquirir informação, se comunicar e até mesmo estudar, torna-os independentes para sanar as próprias dúvidas. Dificilmente procuram pessoas experientes no assunto, já que muitas vezes sanam suas dúvidas pesquisando na internet, não percebendo o quanto estão familiarizados com a tecnologia e intrinsecamente ligados.

Por outro lado, existem os imigrantes digitais. Estes integram ao grupo de pessoas que nasceram antes da década de 90, que estavam presentes nos processos de desenvolvimentos das tecnologias digitais e até contribuíram para a propagação de tais meios tecnológicos. Todavia, são pessoas que não cresceram junto com essas tecnologias. Geralmente são menos familiarizados com o ambiente digital, os quais se capacitaram ao longo da vida a utilizar e-mails e redes sociais. (SANTOS, SCARABOTTO, MATOS, 2011).

Os imigrantes digitais aprendem de forma linear – começo, meio e fim – o que difere em muito dos nativos digitais que, por serem acostumados com as novas tecnologias, aprendem de forma não linear, já que consideram o mundo “virtual” como uma extensão do mundo “real”. Assim, diferentemente dos imigrantes digitais, os nativos digitais “conseguem ler diretamente na tela do computador, consideram e confiam na internet como fonte segura de informações” (SANTOS, SCARABOTTO, MATOS, 2011, p. 15850).

Ao pensar esse aspecto em sala de aula, os docentes, que trabalham com os primeiros anos do ensino fundamental, se veem diante de uma realidade que os obriga a pensar nas suas formas de interação e as suas práticas no contexto de ensino e aprendizagem. A esse respeito, considera-se que:

Podemos compreender que a forma de trabalho do professor migrante difere e muito da forma como seus alunos percebem o conhecimento e sua produção. Muitos docentes reclamam que seus alunos leem pouco, que são desmotivados para as atividades em sala de aula e possuem dificuldade de trabalhar em grupo. No entanto, observa-se o mesmo grupo de alunos interagindo com seus colegas no Orkut, MSN e desfrutando dos recursos da internet de forma criativa e imersiva. Este fenômeno acontece não apenas nos alunos com mais idade. Ele ocorre em crianças com pouca idade (SANTOS, SCARABOTTO, MATOS, 2011, p.15842).

A citação acima foi retirada de uma pesquisa realizada na época em que ainda havia o uso do Orkut e MSN. Todavia, outras ferramentas de interação digital surgiram e/ou tiveram o seu uso potencializado entre 2008 e 2019, como as redes sociais *Facebook* e *Instagram*, os aplicativos *WhatsApp* e *Telegram*, os jogos de rede (por meio dos quais se joga em tempo real com pessoas ao redor do mundo). No ano de 2019, os extintos *Orkut* e *MSN* são considerados tecnologias ultrapassadas. Entretanto, quando ainda estavam em vigência, eram produtos que desafiavam o contexto educacional e faziam repensar as práticas educacionais. E isso é um dado que continua a interpelar os educadores, pois essas citadas formas foram substituídas por outras mais dinâmicas e acessíveis.

Ainda na década de 2000, a mobilidade tecnológica era precária. A forma de comunicação remota por meio de texto escrito era por meio de SMS. Nos últimos dez anos – 2009 a 2019 – as escolas começaram a se deparar com a presença dos *smartphones* em salas de aula, de tal modo que os alunos os utilizam durante as aulas, ora em atividades paralelas à disciplina, ora para interagir com as informações trabalhadas pelo professor. Assim, quando o professor menciona um determinado dado ou lugar, os alunos checam seus celulares a fim de procurarem fotos sobre o mencionado local, democratizando a informação.

Atualmente, muitas instituições educacionais, principalmente aquelas mais abastadas, de classe média alta, estão integrando a tecnologia às práticas cotidianas. Entretanto, especialmente em escolas públicas, percebe-se a escassez destes recursos.

Considerando essa realidade diante do contexto educacional das classes de séries iniciais do EF, no Brasil, e a falta de recursos apresentadas por muitas instituições de ensino, torna-se necessário pensar em aspectos motivacionais no contexto da

tecnologia para que sejam trabalhadas questões relevantes sobre a leitura nas séries iniciais.

### 3.3 A TECNOLOGIA NA VIDA DAS CRIANÇAS: POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS

Na realidade das escolas e famílias brasileiras, o dia a dia das crianças geralmente inclui a exposição a uma série de aparatos tecnológicos e de mídias, e isso antes mesmo que estas crianças iniciem a sua vida escolar. Elas pensam e processam informações de maneira diferente dos alunos de décadas anteriores, que vieram antes delas (PIZARRO, LOPES JUNIOR, 2015). Por outro lado, os professores que trabalham com a alfabetização têm uma enorme responsabilidade, que é a de integrar novas literaturas no currículo para preparar os alunos para uma participação cívica bem-sucedida em um ambiente global (AMELOTTI *et al.*, 2016).

Nesse sentido, os educadores devem considerar os efeitos da mídia no desenvolvimento da alfabetização infantil, tanto positivos quanto negativos. Também é fundamental que os educadores sejam cautelosos ao selecionar e usar tecnologia com crianças. Alguns teóricos, inclusive, recomendam que a tecnologia e a mídia interativa sejam usadas intencionalmente por educadores da primeira infância, no contexto da prática apropriada para o desenvolvimento, para que sirvam como uma forma de consolidar o ensino e a aprendizagem (AMELOTTI *et al.*, 2016; PIZARRO, LOPES JUNIOR, 2015).

Alguns dos formatos tecnológicos comumente presentes na vida das crianças são os vídeos do *YouTube* e também encartes eletrônicos para *tablets* e *smartphones*. Pensa-se, por exemplo, sobre como estes aparatos podem ajudar as crianças no processo de alfabetização. Nas escolas de hoje, os livros eletrônicos se tornaram uma parte essencial da sala de aula (LEITE, SILVA, COSTA, 2017). Assim, é de se considerar que:

Tendo em vista o papel da educação em formar seres independentes, tem-se pensado de que maneira essas tecnologias podem ser utilizadas no auxílio do processo de ensino aprendizagem, especialmente as mídias digitais, as quais podem ser entendidas a partir de toda comunicação realizada por meio das mídias digitais, como computador, telefone celular,

vídeo digital, televisão digital, jogo electrónico, DVD's, livros digitais (e-books) e outras mídias interativas (LEITE, SILVA, COSTA, 2017, p. 9).

De modo geral, estes recursos– e especialmente o *e-book*, atrelado ao uso do *smartphone* – podem ser um aliado no desenvolvimento inicial da alfabetização de várias maneiras, como fornecer degraus para o aprimoramento e a iniciação à leitura, oferecendo às crianças o uso de ferramentas de texto que ajudam a falar e soletrar, desenvolver o vocabulário, diferenciação entre linguagem oral e escrita, bem como na interpretação de textos (LEITE, SILVA, COSTA, 2017). Estes recursos também fornecem dicas animadas, como imagens, multimídia e áudio, e recursos de vocabulário integrados, como recursos de dicionário, para apoiar a compreensão, vocabulário e habilidades de reconhecimento de palavras (COELHO, 2015).

Todavia, um grande problema pode ser instaurado no horizonte dessa explosão tecnológica, especialmente nas escolas públicas. Pensa-se, por exemplo, como que uma escola de periferia, ou mesmo aquelas em contextos rurais, conseguiriam acompanhar todo esse desenvolvimento, sendo que muitas vivem em situações precárias. Portugal Filho (2017) faz a seguinte consideração:

Para entender os desafios dos professores de escola pública, é necessário compreender que muitas dessas escolas não possuem fiação adequada (como tomadas) para lidar com suas necessidades tecnológicas. Outras não contam com linhas telefônicas suficientes, e um considerável número, mesmo em zona urbana, considera insatisfatório o investimento em cabos de rede. As escolas que possuem todos esses elementos de infraestrutura são claramente a exceção à regra. Surpreendentemente, as escolas nas grandes cidades centrais são ainda menos equipadas para atender às demandas da tecnologia do que outras escolas. Algumas delas, surpreendentemente, sequer têm energia elétrica suficiente para usar computadores sem que afete a rede local, ocasionando em quedas de energias. Não obstante, salas de aula em prédios antigos, por exemplo, podem exigir reformas caras para melhorar os sistemas elétricos antes que computadores e redes possam ser instalados, desestimulando o ensino e o estudo (PORTUGAL FILHO, 2017, p. 21).

Ainda que esta realidade seja um obstáculo para uma implementação de uma política que envolva o uso da tecnologia em sala, é de se pensar como todo o aparato tecnológico vivenciado pelos alunos é um ponto de partida para a alfabetização.

Para as crianças que enfrentam entraves com a leitura ou estão em situação de dificuldades de aprendizagem, as tecnologias podem ser muito úteis. Como uma

forma de tecnologia assistiva, os *e-books* aprimoram um currículo de alfabetização baseado em impressão, adicionando efeitos multimídia que dão assistência às crianças durante a leitura. A utilização de *e-books* projetados para crianças nos anos iniciais do ensino fundamental pode alavancar o desempenho no que tange à motivação e imersão no mundo da leitura (CORSINO, VILELA, TRAVASSOS, 2017). Dificilmente se pode fugir disso, já que é um dos elementos constitutivos da era contemporânea. Nesse sentido:

[...] cabe ao professor entender o universo do aluno e o funcionamento das novas tecnologias, apropriando-se delas e tornando-as aliadas no processo de alfabetização e letramento, ampliando os interesses dos alunos e diminuindo as dificuldades encontradas na educação, a fim de tornar as aulas mais produtivas (LOPES, 2015, p. 11).

Lopes (2015) ainda considera que o uso da tecnologia na alfabetização, especialmente com *e-books* que possuem aportes audiovisuais, potencializou as habilidades no que tange à aquisição de vocabulário e desempenho de leitura.

Com isso, é de se considerar que a tecnologia é indissociável do mundo. Entretanto, isso não impede que as crianças possuam apreço pela leitura de livros impressos. O Desafio está em saber como lidar com esse universo.

#### **4 AS QUESTÕES PERTINENTES À MOTIVAÇÃO**

É difícil e precipitado fazer a afirmativa de que uma criança da faixa etária dos primeiros anos do EF não lê ou escreve. Muitas delas, especialmente nos grandes centros, já possuem *smartphones* e *tablets*. Segundo pesquisa divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2017, 69,8% da população brasileira com idade acima de 10 anos está conectada à internet, o que equivale a um número de 126,3 milhões de pessoas (em 2016 o número era de 116,1 milhões). “O maior percentual foi no grupo etário de 20 a 24 anos (88,4%)” (IBGE, 2017). Diante disso, acontece um fenômeno social em que as interações, lazer e estudos estão acontecendo progressivamente através das plataformas digitais.

Conforme apontado nos dados da pesquisa mencionada, as mídias sociais, blogs, redes sociais e outros sites do gênero já são utilizados por crianças. Assim, por que

não usar essas plataformas no ensino fundamental, a fim de que estudantes desenvolvam o hábito da leitura?

É importante ressaltar que o uso da internet proporcionou velocidade e “fluidez” às ações e aos comportamentos humanos. Assim sendo, a ideia de ordem, que faz parte da estrutura educacional, não atende mais a sociedade contemporânea, em que as informações passam a ter um aspecto inconstante. Logo, explorar o ambiente virtual se torna relevante para a educação e para as práticas de leitura, afinal, por meio dele, a interação com o texto pode ser feita através de telas – não apenas no papel. Nesse novo suporte, o texto fica mais interativo e dinâmico passando a ser nomeado hipertexto. Esse novo tipo de leitura fez surgir uma nova ênfase em relação ao termo letramento, o letramento digital, que diz respeito às práticas de leitura e escrita em ambientes virtuais, sendo este uma das formas de se trabalhar a cibercultura dentro da sala de aula (SOARES, 2002).

Dessa forma, aliado às técnicas de letramento digital, o professor tem a possibilidade de guiar seus alunos para os bons textos e despertá-los para o prazer da leitura, apresentando os recursos digitais não apenas como uma fonte de lazer e distração. Afinal, como muitos críticos apontam, sem a orientação devida, as crianças se perdem durante a navegação na rede, utilizando-a somente para divertimento e interações sociais. Elas se esquecem (ou ignoram) que por meio da internet têm acesso a um mundo de conhecimentos.

Logo, o papel do educador é guiar os alunos para a luz dos considerados bons escritos, pois mesmo em diferentes suportes, os mais diversos tipos e gêneros textuais não perdem seu poder transformador.

Diante disso, vale dizer que, como era digital houve uma ruptura com a cultura dos textos impressos, tendo, assim, mais facilidade na leitura de textos tecnológicos, visto que os recursos digitais fascinam mais o leitor e possibilitam o acesso em diferentes meios. Conforme Coscarelli (2007, p.87), a realidade dinâmica e virtual se apresenta de diferentes formas, nos mais diferentes estilos de texto. A leitura é um bem cultural que possibilita interação com esta realidade.

A tecnologia surgiu como uma renovação no campo da leitura e da escrita, por isso a importância do uso das ferramentas a favor da aprendizagem. Ainda segundo Coscarelli (2007, p. 121), os meios de comunicação e interação mediada pelos computadores e redes são uma grande promessa, além de uma tendência para a criação de novas formas de ensinar e também para o auxílio do aprendiz. Sendo assim, as ferramentas digitais representam um grande apoio à prática escolar.

Atualmente, os alunos que se encontram nos anos iniciais do EF já fazem parte da geração dos nativos digitais, pois muitos já possuem vários recursos tecnológicos. No entanto, no ambiente escolar é preciso a adaptação e utilização desses recursos a favor da aprendizagem dos alunos.

Assim, são necessárias novas formas e modelos de trabalho para que se desenvolva junto com os educandos situações de aprendizagem capazes de motivá-los a ler e a escrever conduzindo-os a interagir com as tecnologias digitais. Nesse sentido, devem-se propor situações didático-pedagógicas de incentivo para a leitura e escrita de palavras, frases e textos através do uso dos recursos digitais.

De acordo com Lévy (1996, p. 41) “[...] o leitor em tela é mais ativo que o leitor em papel, já que o computador se apresenta como um ‘operador de potencialização da informação’”. Assim sendo, atividades apresentadas na tela do computador contribuem de certa maneira a fascinar e prender a atenção dos alunos. O computador é uma excelente ferramenta para aplicação de trabalhos de leitura e escrita de forma lúdica, uma vez que na tela do computador os diferentes tipos de palavras e textos podem se apresentar de várias formas, cores, etc. Ou seja, com a aplicabilidade das novas tecnologias, desenvolvem-se diversas atividades capazes de motivar, interagir e dar autonomia aos educandos para que sejam capazes de entender e utilizar as ferramentas digitais.

Por isso, vale dizer que as ferramentas digitais se tornam, cada vez mais, um meio motivacional. Assim, a leitura em livros digitais, como também em livros com áudios, são excelentes ferramentas para o ensino, podendo ser acessados por meio dos aparelhos eletrônicos.

#### 4.1 PRÁTICAS TRADICIONAIS X MODERNAS DE LEITURA

Há um quadro bastante comum em classes que vão a partir do 6º ano do EF até a 3ª série do ensino médio: a tendência de utilizar textos canônicos da literatura como base de trabalho para a leitura. Muitas vezes, esses textos trazem uma linguagem que não faz parte do cotidiano do estudante. E muitos alunos acabam achando que o hábito da leitura é uma prática distante e longe de ser prazerosa.

Em relação às crianças, mesmo que os cânones da literatura, como Machado de Assis e Guimarães Rosa, não sejam diretamente utilizados, muitos profissionais optam por lançar mão da literatura infanto-juvenil, a qual possui uma linguagem própria para a idade. Todavia, é ainda relevante perguntar sobre a atualidade desses textos, visto que o referencial de muitas crianças tem sido *blogueiros* e *youtubers*. Freire (1996) já alertara para a relevância de uma educação que leve em consideração o contexto no qual a pessoa está inserida. E isso pode ser pensado em termos de uma formação que se atente para a forma e o conteúdo, ou seja, tanto em relação ao objeto estudado quanto em relação às maneiras como a criança lida com esse objeto.

Muitas pessoas que sentem dificuldades de ler, incluindo crianças e adultos, não têm motivação para a leitura por causa das experiências negativas pelas quais passaram, seja no processo de ensino e aprendizagem, seja pela falta de escolha em relação ao o que lê ou pela ausência de materiais de leitura que realmente interessem (PIAZZI, 2015).

Nesse sentido, encontram-se estudantes com características diferentes que estão em interação com o ambiente entre si. E o mais interessante disso é entender que a aprendizagem ocorre neste ambiente. A aula em si, ou seja, o ato de transmitir e trabalhar o conteúdo é um produto dessas inúmeras relações. Deste modo, é por isso que o gerenciamento das aulas, e do espaço em que elas ocorrem, significa organizar esses eventos e interações para otimizar o aprendizado(PIAZZI, 2015).



O papel da educação no crescimento e na formação do ser humano é tão importante quanto o papel do ser humano nos desenvolvimentos da ciência e da tecnologia, nas mudanças econômicas e sociais (GOMES, 2016).

Em quase todas as situações cotidianas, existe uma inter-relação entre forma e conteúdo. O conteúdo diz respeito àquilo que se transmite por meio das aulas, por meio das conversas, nas relações diversas. É, talvez, uma substância de valor ético e prático. Já a forma diz respeito ao veículo pelo qual o conteúdo é transportado. Tende-se a dizer que a forma se relaciona a uma estética. A forma é plural, ainda que o conteúdo seja singular.

Com isso, o uso de textos interativos pode aumentar a motivação de leitura das crianças. Em uma revisão da literatura sobre recursos de livros digitais no desenvolvimento da alfabetização em crianças pequenas, Santos (2017) apontou que recursos de textos interativos e multimídia têm o potencial de aumentar a fluência da leitura. A mesma pesquisa ainda aponta que as crianças gostavam de ler aparatos digitais que permitiam anotações pessoais e lhes davam controle durante o processo de leitura (SANTOS, 2017):

O recurso do *touchscreen* valoriza a interação da criança com a obra. A iniciativa de descobrir o livro aos poucos por meio de imagens e sons, o que sugere um novo jeito de se ler uma história, possibilita ainda a autonomia na leitura, com poucos *clicks* a criança pode ter acesso ao livro sem precisar da intervenção de um adulto, eles podem conter a opção com ou sem narração. Um livro digital também pode ser lido com baixa ou até mesmo nenhuma luz externa. Já que os próprios dispositivos possuem a luz, a tela dos leitores possui um mecanismo que possibilita uma leitura nítida mesmo em diversas condições de luz externas, como forte luz solar (SANTOS, 2017, p. 59).

Se de um lado se tem o aparato tecnológico, por outro deve existir a maneira de trabalhá-lo. Pouco adianta possuir recursos, se não houver a maneira adequada de utilizar estes aparatos em sala. Nesse sentido, a discussão gira em torno do fator motivacional que perpassa questões textuais e realidades vivenciadas pelos próprios alunos.

O tipo narrativo, de modo geral, faz parte da vida do ser humano desde a mais tenra idade. Ele se apresenta nas histórias de ninar, nos contos sobre como a criança nasceu, a respeito de como o mundo veio a existir. Geralmente, quando uma criança

pergunta algo a um adulto, a resposta surge majoritariamente no formato narrativo (MEDEIROS, 2010). Talvez isso ocorra por esta ser a maneira mais próxima do universo infantil, visto que trabalha a imaginação e a memória da criança, permitindo que as crianças consigam absorver conteúdos factuais de maneiras fantásticas e vibrantes.

As crianças, como os poetas, entram neste mundo de imagens sem aspirar representá-lo, porém vivendo-o com todo o apetite para absorvê-lo. Apetites e mundos alimentam o sonhador, que se farta das “substâncias do mundo, substância densa ou rara, quente ou doce, clara ou cheia de penumbra segundo o temperamento de sua imaginação”. A apropriação da expressão mundos imaginados supõe, então, a abundância das imagens que configuram profundas contemplações e comunhões de devaneios. (...) As aprendizagens experienciadas na narrativa perpassavam o gesto e a imagem associada a ele. Estavam ligadas a uma “memória cósmica” e indicava mo modo como as crianças deixaram-se impregnar pelas suas próprias fábulas criadas pelo seu universo imaginado. Elas falavam como se soubessem que as coisas sempre estivessem lá, comandadas por um único “sol dominador”. A “memória cósmica” permitiu o ilustrado, o mundo da primeira vez, e por isso rompeu livre de qualquer exatidão (MEDEIROS, 2010, p. 329).

A partir dessas ideias e postulados, é de se pensar de que maneira o texto narrativo pode ser usado em sala de aula, especialmente quando o assunto é iniciar a criança no processo de alfabetização.

## 4.2 LETRAMENTO DIGITAL

O ciberespaço se constrói em sistema de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o sistema do caos [...] Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto com qual o próprio Dédalo não teria sonhado (LÉVY, 1999, p.111).

A palavra letramento foi necessária para uma ação auxiliar ao alfabetizar, hoje, ser só alfabetizado não é suficiente, é preciso ler e entender o que se lê. Apesar de letramento e alfabetização serem coisas diferentes, o ideal, como orientado por Soares (1998), é alfabetizar letrando. O letramento é a ação de dominar um código, para leitura ou escrita, agregada à capacidade de utilizar essas habilidades no cotidiano, nos eventos de letramento, ou seja, o letramento está além do ler e escrever (alfabetização). Na contemporaneidade, com o avanço da vida em sociedade, os critérios para se desempenhar as funções do dia a dia estão se modificando e criou-se a necessidade de se utilizar termos como esse (SOARES, 1998).

Além disso, pela amplitude do conceito, surgiram diversas ênfases para o vocábulo. Conforme Soares (2002, p. 156) “diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos”. Um deles é o letramento digital. Ele trata dos hipertextos, um novo formato de texto que tem como suporte as telas e não o papel. Assim, entende-se que o hipertexto está diretamente relacionado à evolução da tecnologia, pois atualmente são disponibilizados pelas redes de computadores. No entanto, os hipertextos são formas de escrita e leitura não sequenciais e não lineares, ou seja, é um texto que possibilita ao leitor o acesso ilimitado a outros textos de forma instântanea. Desse modo, vale dizer que a leitura da parte de um hipertexto faz sentido mesmo sendo deslocada do eixo central, oportunizando ao leitor escolher por onde começar e a ordem a seguir em sua leitura. Diante disso, vale dizer que o hipertexto promove uma maior interatividade, acessibilidade, velocidade, precisão, etc. Logo, o letramento digital se relaciona com as práticas de leitura e escrita em ambientes virtuais:

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próximas do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura (SOARES apud RAMAL, 2002, p. 151).

Para SOARES apud Ramal (2002), o hipertexto é mais próximo do pensamento humano, por não se apresentar de uma forma linear. Ele está na rede e pode conter *links*, associações, podem-se abrir diversas janelas, é fluido. Assim como o pensamento que é sem limites e trabalha da mesma forma. Os hipertextos estão inseridos no ciberespaço que:

[...] suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (bancos de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, tele presença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos) (LÉVY, 1999, p. 157).

De acordo com Lévy (1999) o ciberespaço é todo o universo que a comunicação digital abriga inclusive aqueles que navegam na rede. O constante contato com essas tecnologias modifica os processos cognitivos humanos, pois existem novas

formas de se lidar com as funções como, por exemplo, a memória. Com o ciberespaço, o homem precisa cada vez menos utilizá-la em seu cotidiano, ele pode ter acesso às informações em todos os lugares, basta estar conectado à internet.

Entretanto, o surgimento do ciberespaço não significa o desenvolvimento da inteligência coletiva, ele é apenas um ambiente propício para tal. Lévy (1999) diz que a inteligência coletiva pode ser tanto um remédio como um veneno, “um veneno para os que dela não participam [...] e um remédio para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes” (LÉVY, 1999, p. 30). Manter-se à deriva na imensidão de possibilidades apresentadas pela internet é uma atividade árdua, e o letramento digital se alia às práticas de leitura para auxiliar o aluno a não se perder diante de tantos textos.

Dessa forma, podemos notar que as tecnologias otimizam e modificam as funções da vida do homem em diversos aspectos. Por exemplo: atividades que hoje são simples e rápidas como enviar uma mensagem por email, antigamente demoravam dias pelos correios. Como consequência disso, o ser humano passa a adquirir um estilo de vida mais ágil e começa a interagir com o mundo - e com os textos - de uma forma diferente. Fazendo, assim, surgir termos como o letramento digital, cibercultura, hipertextos.

Torna-se oportuno apontar uma reflexão sobre a inteligência coletiva, termo criado por Pierre Lévy (2014), que diz respeito à capacidade humana de compartilhar conhecimentos. É importante salientar que a inteligência coletiva não foi criada, pois ela já existia na natureza por meio da sociedade animal, como na das abelhas que se comunicam com a colmeia (LÉVY, 2014). Logo, os homens possuem essa inteligência naturalmente, porém de um modo singular como a linguagem, que é a inteligência coletiva mais complexa. Com essa capacidade ele conseguiu se comunicar por meio de histórias, mitos, com o sistema escrito, a imprensa e então criou a internet (LÉVY, 2014). Assim, com o tempo, melhorou sua capacidade de memória e comunicação. A partir desse desenvolvimento, entramos em uma nova fase, onde é necessário buscar o aumento da inteligência coletiva humana.

Lévy (2014) é um entusiasta das possibilidades cognitivas na internet, ele acredita que essas ferramentas vieram para melhorar a sociedade. O mundo virtual aumenta a capacidade de registro e de comunicação, isso traz muitos benefícios como, por exemplo, a facilidade de se difundir uma informação. Como exemplo, cita-se uma universidade no Texas (EUA) que conseguiu avisar a 65 mil alunos para que ficassem em casa no dia de uma tempestade, por meio de emails e mensagens de texto (WERTHEIN, 2007). Esse caso pode ser considerado um dos muitos benefícios da internet, que segundo Lévy (1999) é um lugar propício a pensar junto, onde a aprendizagem acontece de forma contínua.

Todavia, o próprio autor não descarta que, se utilizada de forma inadequada, a internet pode se transformar em uma ferramenta ruim:

Nem mesmo Levy (1999), muitas vezes criticado pelo otimismo excessivo, esquece-se de ressaltar que as redes digitais também podem fazer surgir novas formas de isolamento e sobrecarga cognitiva, dependência, dominação, exploração e de “bobagem coletiva” (MORAES, 2011, p. 544).

Como contraponto à defesa e ênfase em relação ao uso excessivo de tecnologias, cita-se aqui um exemplo da revista *superinteressante*, da editora Abril, que apresentou uma matéria intitulada “A era da burrice”, no ano de 2018, onde mostra dados nada animadores sobre o assunto:

[...] Os dados revelam que, depois de crescer sem parar durante todo o século 20, o quociente de inteligência dos dinamarqueses virou o fio, e em 1998 iniciou uma queda contínua: está descendo 2,7% pontos a cada década. A mesma coisa acontece na Holanda (...), na Inglaterra (...) e na França (...). Na Noruega, Suécia e Finlândia – bem como Alemanha e Portugal, onde foram realizados estudos menores – detectaram efeitos similares (SZKLARZ, GARATTONI, 2018, p. 26).

Os autores alertaram que do século 20 em diante os quocientes de inteligência de diversos países começaram a apresentar queda contínua. Diante do fato, são apresentadas duas possibilidades para tal ocorrência: uma é a involução natural, onde a capacidade cognitiva é influenciada pela genética, e a outra diz que o uso intensivo das redes sociais está corroendo nossa capacidade de prestar atenção às coisas (SZKLARZ, GARATTONI, 2018).

Mark Bauerlein – autor do livro *The Dumbest Generation* – em uma entrevista para a mesma editora, fala sobre os impactos do uso da internet na sociedade. Ele considera que com o uso constante as pessoas ficam alienadas, a grande maioria

passa o tempo em redes sociais interagindo com pessoas da mesma idade e que, em geral, possuem as mesmas ideias. Por passarem tanto tempo *online* eles leem cada vez menos as principais fontes de conhecimento:

Mas a web não pode ser útil para o conhecimento? Poderia, mas os garotos não se importam com essas coisas. Eles não visitam um site de um grande museu para ver as pinturas. Preferem visitar seu perfil pessoal na internet ou fazer upload das fotos da última festa, ou escrever em seu blog como odeiam a escola. Segundo o instituto Nielsen Media Research, 9 entre os 10 sites mais populares entre os adolescentes são redes de relacionamento. É isso que as ferramentas significam para eles: um meio social (SZKLARZ, 2008, [S.l]).

Diante do exposto, pode-se perceber que o advento das mídias digitais pode trazer riscos e benefícios, além disso, seu uso crescente é inegável. Porém, o ciberespaço não possui, ainda, forma e conteúdo definidos. Por não está estabelecido, podemos refletir sobre o seu papel na sociedade, pensando sobre o assunto não apenas em termos de impacto, mas em projetos de como se desenvolve a rede minimizando os malefícios (LÉVY, 1999).

Para que isso ocorra, é essencial a criação de políticas e meios que ensinem e incentivem as pessoas a navegarem de forma segura e eficaz, sobretudo os estudantes. Evitando que a internet se torne uma “supertelevisão”, sendo utilizada apenas para distração. A escola é uma das principais instituições que deve utilizar e educar os alunos a como se comportarem na rede de forma eficiente para a construção do conhecimento, como diz Werthein:

Cabe às autoridades constituídas e a sociedade ilustrada a responsabilidade por garantir que os novos recursos tecnológicos continuem a se popularizar, oferecendo facilidades ao maior número possível de indivíduos, ao mesmo tempo em que favoreçam o desenvolvimento intelectual e ético de quem os utiliza. É uma questão de escolha (WERTHEIN, 2007, p. 3).

#### 4.3 CONTRIBUIÇÕES DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS: A MOTIVAÇÃO À LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS

O texto literário é aquele que gera algum estranhamento ao leitor, é aquele que traz algo novo, fora do senso comum, que traz crescimento pessoal e produz a fruição estética. Logo, não se pode considerar todo texto como literário, visto que nem todos geram estranhamento. Porém, isso não significa que apenas textos difíceis são literários, pois aqueles com conteúdo simples e inovador também o são (SILVA, 2011). Moises conceitua literatura como:

A noção de texto literário relaciona-se estreitamente com o conceito de literatura. Quanto a mim, *Literatura é a expressão, pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção, ou imaginação*. Se bem observamos, o próprio enunciado implica a ideia de “texto”, ao colocar ênfase sobre o fato de ser a Literatura expressa por meio da palavra escrita. Sendo assim, inscreve-se na categoria de texto literário todo escrito que exprimir ficção, ou imaginação. Entretanto, trata-se de um conceito amplo, capaz de abranger qualquer folha de papel em que a pessoa extravase ficção, ou imaginação. [...] Somente se consideram literários os textos que se proponham específicos fins literários, vale dizer, o conto, a novela, o romance, a poesia e o teatro (este, apenas enquanto texto, não enquanto representação) (MOISES, 2005, p. 14).

Como podemos perceber um texto para ser literário deve preencher alguns requisitos, entre eles existe um básico para Moises (2005) “Literatura é a expressão, pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção, ou imaginação”. Logo, a forma de expressão da literatura é a palavra, porém palavras com vários sentidos que despertam em cada leitor uma percepção única. A literatura trata do humano, é uma mimese da realidade, ainda que em um universo particular.

Assim, começamos a perceber que ela possui uma função importante no processo de humanização, Candido (2004) a vê como "manifestação universal de todos os homens em todos os tempos" (CANDIDO, 2004, pag. 174). Ela muda a forma de se enxergar o mundo e as relações humanas, auxilia nas tomadas de decisão, o texto literário pode ser entendido como um manual que ensina a viver.

Devido a sua importância, cabe à escola a função de apresentar o texto literário às crianças, pois fora dela ele dificilmente entraria em contato com esses escritos. As professoras e os professores regentes de turma têm a difícil função (não impossível) de revelar ao discente esse novo mundo (SILVA, 2011). De certa forma, o texto literário vem em forma de folclore e histórias diversas, contadas e aplicadas no

contexto da aula, a fim de provocar alguma atitude ou mudança em um dado momento da aula.

Um dos grandes problemas apontados para o desenvolvimento da autonomia e o estímulo à leitura de textos é que hoje se pode contar com diversos intertextos de um livro como filmes, séries, paródias, músicas, jogos, imagens, etc. Enfim, encontramos uma diversidade de objetos culturais que confrontam o texto em si. Assim, como convencer o aluno a preferir ler um livro a assistir um filme, por exemplo, se é mais rápido assistir a ler? (SANTOS, SILVA, 2011). Não que o filme dispense a crítica, nem que o livro seja melhor do que o vídeo. Todavia, no contexto desse trabalho, a temática diz respeito à leitura.

Apesar das dificuldades apresentadas, os professores não devem considerar esses objetos culturais como inimigos do texto, mas sim como uma fonte para despertar nas crianças a curiosidade para o mesmo. Afinal, eles podem ser uma porta de entrada para crianças conhecerem obras e desfrutarem da experiência que a boa leitura proporciona. Um exemplo é o cinema que muitas vezes abre caminho ao texto, como as obras de J. K Rowling, que inseriram diversas crianças ao mundo da leitura. Outro fator muito questionado são os suportes atuais. O que não significa um empobrecimento ou risco de extinção do livro, mas sim uma transformação deles (*blogs, wamppad, celulares*). Esses meios auxiliam na proliferação da leitura, aumentando a proximidade do texto literário com a criança—o texto fica a distância de um clique.

É importante esclarecer que *blogs, e-books*, e demais ferramentas utilizadas para leitura, hoje não são um novo estilo de texto, pois são apenas um suporte. Assim como o livro impresso, as tábuas de argila e o papiro já foram utilizados com o mesmo fim. Essa mudança de suporte faz parte da evolução da humanidade, pois cria mais possibilidades durante a leitura.

Nas tábuas de argila, por exemplo, os textos eram menores e difíceis para se carregar, com os rolos de papiro era difícil se voltar ao que já foi lido, com o livro impresso os problemas anteriores foram ultrapassados, porém não existia interação ativa entre leitor/texto ou leitor/autor. Aspecto que hoje (com os suportes digitais)



também foi superado, pois o leitor já pode publicar e comentar virtualmente o que achou do texto durante a leitura e discutir sobre ele através de fóruns *online* (DANRTON, 2010).

Esse *feedback* pode ser feito, inclusive, ao próprio autor através das redes sociais. Conforme Darton (2010, p.79) “[...] Por fim, leitores transformarão o meu tema em seu próprio tema: encontrarão seu próprio caminho dentro dele, lendo horizontalmente, verticalmente ou diagonalmente até onde os levarem os links eletrônicos”. Percebe-se, portanto, que os novos suportes possibilitam à criança – e aos leitores de forma geral – imprimir sua própria identidade na leitura, buscando recursos que completam o que está lendo. Nesse sentido, ela pode ser feita de acordo com o gosto do leitor, não de uma forma linear, mas conforme sua vontade e curiosidade para consultar outros conteúdos relacionados.

Assim, ao mostrar para a criança como utilizar esses recursos, e propor uma leitura onde ela explore o texto de diversas formas, possibilita-lhe ter um novo olhar sobre o material escrito. Não apenas como um conteúdo escolar, mas como algo que faz parte da contemporaneidade e que pode ajudá-la a entender sua vida e a sociedade. Utilizar novos recursos e repensar o ensino da matéria para além do conteúdo a ser aplicado buscando formas de aproximação aluno/ texto torna a aula mais rica e prazerosa, pois vai fazer parte do mundo do aluno.

Por isso, o uso das tecnologias da informação e da comunicação pode contribuir positivamente no trabalho de texto em sala, porque se constituem de “uma teia entre a escola e o cotidiano no qual o indivíduo atua, configurando novos caminhos para ele interagir e desenvolver suas constantes compreensões sobre o mundo e sobre a sua cultura” (SANTOS, SILVA, 2011, p. 371).

## 5 REFLEXÃO E DISCUSSÃO DOS PRINCIPAIS PONTOS ABORDADOS

Diante das abordagens referentes à educação na era tecnológica, propõe-se responder aos questionamentos no trabalho apresentado. Desse modo, estas indagações serão discutidas de acordo com as percepções dos referidos teóricos. Sendo assim, quanto à pergunta: Qual seria a maneira mais adequada de se trabalhar a leitura e escrita, nos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) no contexto dos avanços tecnológicos? Vimos que, como apontado em alguns capítulos, o modo mais satisfatório é propor aos alunos momentos de leitura e escrita utilizando os recursos digitais, como os livros digitais, livros em áudios, vídeos, etc; uma vez que, como dito por Lévy (1996), a aplicabilidade das atividades em tela se torna mais produtiva frente à continuidade do ensino- aprendizagem.

Logo, ao que se questiona quanto: Existem estudos no âmbito nacional que enfatizem o uso de aparatos tecnológicos no ensino de leitura e escrita nos anos iniciais do EF? Observamos que como já mencionado em parágrafos anteriores por alguns autores como Binotto (2014) e Santos (2017), indicaram que o acesso ao uso das ferramentas tecnológicas é apropriado para anos iniciais do EF, porque pode tornar a leitura e escrita mais dinâmica, estimulante e uma aprendizagem significativa e determinante na construção de outros conhecimentos.

Desse modo, quanto à indagação: Quais aparatos tecnológicos estão presentes no ensino de leitura e escrita nos anos iniciais do EF? Vimos que o computador, celular, *tablets* já fazem parte do espaço educacional, como também abordado por Lucena (2002) e Moran (2007) que consideram a importância do uso dessas ferramentas como suportes valiosos frente ao processo de leitura e escrita dos anos iniciais do EF.

Diante disso, no que se refere à pergunta: A tecnologia pode ser usada como meio motivacional para o ensino de leitura e escrita nos anos iniciais? Relatos de estudos feitos por Oliveira (2015), sobre os livros digitais, mostram que tais ferramentas tecnológicas podem sim serem usadas como meio de motivação nas práticas de leitura e escrita, como também mostrado por Leite, Silva e Costa (2017), que podemos usar a tecnologia em formatos de *e-books*, o qual tem grande importância no processo da alfabetização, visando um melhor desenvolvimento da linguagem

oral e escrita dos educandos. Assim, bem como apontado por Corsino, Vilela e Travassos (2017) os *e-books* nesse processo inicial se tornam um meio incentivador para aquelas crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem.

Entretanto, referente ao questionamento: Como acontece o uso de tecnologia durante o processo de aquisição de leitura e escrita nos anos iniciais do EF? Como bem dito por Teberosky (2003) a partir do uso de ferramentas tecnológicas, como por exemplo, o computador, as crianças passam melhor a conhecer e aprender as letras do alfabeto, a partir do momento que começam a ter um contato com teclado, desenvolvendo assim, um conhecimento quanto à escrita e leitura de palavras, frases, etc. e, assim, familiarizando cada vez com a tecnologia de forma a garantir uma aprendizagem mais satisfatória frente à aquisição da leitura e escrita. Como também mencionado por Leite, Silva e Costa (2017) o uso dos aparatos digitais possibilita as crianças no início da alfabetização desenvolver uma melhor habilidade ao ler e escrever, visto que, passam a conhecer, soletrar as letras e bem como, obter progresso nesse processo.

Enfim, nestes contextos teóricos, vimos que é considerável uma educação por meio da tecnologia digital, pois possibilita aos alunos de forma prazerosa o desenvolvimento da aprendizagem. Assim, por meios dos recursos tecnológicos os resultados se apresentam positivos frente ao processo de leitura e escrita dos anos iniciais do EF.

## 6 CONCLUSÃO

Através das elaborações e reflexões apresentadas, foi possível observar que a alfabetização ocorre não apenas na escola, mas em todos os aspectos da vida cotidiana. Em todos os momentos as crianças estão em interação com o mundo ao seu redor, de diversas maneiras. Fala-se sobre mapas, anúncios, jornais, receitas, manuais e sites. O tempo todo, as pessoas encontram-se em situações textuais, ou seja, por meio de anúncios e propagandas, seja em uma placa de loja, seja em um sinal indicando um caminho. O fato é que a alfabetização sob o viés do letramento pavimenta o caminho para a interação com o mundo.

Verificou-se, além disso, que a motivação é uma aliada fundamental para a prática da alfabetização. Atrelada a isso, surge a tecnologia digital, que cada vez mais se torna uma parte indispensável da vida cotidiana. Desta maneira, considera-se que os indivíduos devem ser alfabetizados também em tecnologia, por meio da tecnologia, como um dos fatores motivacionais eficazes.

Fomentou-se ainda que existem diversos fatores de desafios para os professores, o que os leva a assumirem uma enorme responsabilidade diante da realidade da presença da tecnologia, tanto para o ensino quanto para colocar os dispositivos tecnológicos na pauta do ensino.

Assim, sabe-se que é possível continuar a ampliar as possibilidades de alfabetização, bem como de se pensar de que forma pode ocorrer a motivação em sala de aula, explorando as implementações de novas formas de letramentos em sala. Sabe-se que o mundo digital está bem atento a essa forma como, por exemplo, a migração para o diário eletrônico.

Não obstante, a motivação ainda é uma palavra-chave para entender o poder da tecnologia e como ela transforma e ressignifica a alfabetização. Usando a ferramenta certa, os professores conseguem uma melhor interação e um resultado satisfatório no contexto da alfabetização.

Deste modo, torna-se uma pauta primordial da escola e dos docentes o resgate da leitura, da literatura, do livro, do texto e de todos os suportes que o trazem. As

crianças começam a ter um contato mais massivo com o texto nos anos iniciais do ensino fundamental. Com isso, quanto mais cedo houver uma consolidação das bases que formam bons leitores, tanto mais resultados positivos poderão ser obtidos.

Uma vez que as crianças já têm contato com os aparatos eletrônicos ao longo da sua infância, a professora alfabetizadora conseguiria realizar a motivação através de uma investida nas atividades que envolvem a imaginação, a criatividade e a esfera do lúdico em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Pnad contínua tic 2017: internet chega a três em cada quatro domicílios do país.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 03 out. 2019.

AMELOTTI, Ivana et al. Alfabetización científica en el ámbito preescolar: primeros conocimientos como herramientas para la promoción de la salud y la prevención de la Enfermedad de Chagas. **Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias**, Cádiz, v. 13, n. 1, p. 192-202, 2016.

AZEVEDO, Jessica dos Santos. **Práticas de leitura e escrita no processo de alfabetização e letramento de crianças de uma escola do campo no Distrito Federal.** 2017. 66 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BARROSO, Antônio Carlos de Oliveira; CAMARGO, Rosana. A EDUCAÇÃO NA ERA DO CONHECIMENTO. **Sinergia**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 79-85, jan./jun. 2010. Disponível <[https://www.researchgate.net/publication/230867556\\_A\\_EDUCACAO\\_NA\\_ERA\\_DO\\_CONHECIMENTO](https://www.researchgate.net/publication/230867556_A_EDUCACAO_NA_ERA_DO_CONHECIMENTO)>. Acesso em: 13 out. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 7-30p.

BINOTTO, Claudia; SA, Ricardo Antunes. Tecnologias digitais no processo de alfabetização: analisando o uso do laboratório nos anos iniciais. **Práxis Educacional**, v.10 ( 17), p. 315 - 332, 2014.

BRITO, Danielle Santos. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela. Periódico de divulgação científica FALS.** Ano. IV N.VIII- JUN/2010. Disponível em: [http://WWW.fals.com.br/revela12/Artigo4\\_ed08.pdf](http://WWW.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf). Acesso em: 14 out. 2019.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos.** 4 ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p.169-191.

COELHO, Rita de Cássia Freitas. Prefácio. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues.; ALBUQUERQUE, Simone Santos. (Orgs.). **Implementação do PROINFÂNCIA no Rio Grande do Sul:** perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

COLL, César; MONEREO, Carles. Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: \_\_\_\_\_ (Orgs.). **Psicologia da Educação Virtual:** aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação (N. Freitas, Trad., pp. 15-46). Porto Alegre: Artmed, 2010.

CORSINO, Patrícia; VILELA, Rafaela; TRAVASSOS, Sônia. Reflexões sobre políticas de livro e leitura de secretarias municipais de educação do Estado do Rio de Janeiro. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Nº. 50, 2017.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, DO CONHECIMENTO E DA APRENDIZAGEM: DESAFIOS PARA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI. **Revista de Educação**, [S.L], v. 18, n. 1, p. 5-22, jan. 2011. Disponível em: <[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista\\_Educa%C3%A7%C3%A3o%2cVolXVIII%2cn%C2%BA1\\_5-22.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista_Educa%C3%A7%C3%A3o%2cVolXVIII%2cn%C2%BA1_5-22.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2019.

COZER, Renata de Cassia. **A visão da escola sobre a interação com as famílias dos alunos**: o cenário em primeiras séries do ensino fundamental. São Carlos: UFSCar, 2004.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 208 p.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

GOMES, Fernanda Santana. **Formação docente e os desafios do letramento digital**: (re) construindo identidades. PUCMG: Belo Horizonte, 2016.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; MAZIERO, Das Dores Soares; CARVALHO, Sílvia Aparecida Santos de. **Leitura, escrita e alfabetização**: a pluralidade das práticas. Campinas: Leitura Crítica, 2017.

INEP MEC. **Saeb 2017 revela que apenas 1,6% dos estudantes brasileiros do ensino médio demonstraram níveis de aprendizagem considerados adequados em língua portuguesa**. Disponível em: <[http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/b4aqv9zfy7bv/content/saeb-2017-revela-que-apenas-1-6-dos-estudantes-brasileiros-do-ensino-medio-demonstraram-niveis-de-aprendizagem-considerados-adequados-em-lingua-portug/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/b4aqv9zfy7bv/content/saeb-2017-revela-que-apenas-1-6-dos-estudantes-brasileiros-do-ensino-medio-demonstraram-niveis-de-aprendizagem-considerados-adequados-em-lingua-portug/21206)>. Acesso em: 25 set. 2019.

KLEIMAN, Angela; MORAES, Sílvia Elizabeth. **Leitura e interdisciplinaridade – tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: mercado de Letras, 1999.

LEFFA, Vilson Jose. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. **Contexturas, APLIESP**, n. 4, p. 13-24, 1999.

LEITE, Christiane Clementino da Cunha; SILVA, Ingridy Cibelly Fernandes da; COSTA, Natália da Silva. **A presença das mídias digitais na educação infantil e suas perspectivas em torno da prática do professor**. João Pessoa: UFPB, 2017.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LOPES, André. **As tecnologias de informação e a comunicação no ciclo básico de alfabetização**. Porto Alegre: UFRS, 2015.

LUCENA, Marisa. **Diretrizes para a capacitação do professor na área de tecnologia educacional: critérios para a avaliação de software educacional, 2002**. Disponível em: <<http://www2.insoft.softex.br/~projead/rv/softqual.htm>>. Acesso em: 15 set. 2019.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MARTIN, Raquel Márcia Fontes. **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MEDEIROS, Andréa Borges de. Crianças e narrativas: modos de lembrar e de compreender o tempo na infância. **Cad. Cedes, Campinas**, vol. 30, n. 82, p. 325-338, set.-dez. 2010.

MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral (org). **Letramento: significados e tendências**. Rio de Janeiro: Walk, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Desempenho em leitura no pisa ficou 80 pontos abaixo da média**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article/222-noticias/537011943/42761-desempenho-em-leitura-no-pisa-ficou-80-pontos-abaixo-da-media?Itemid=164>>. Acesso em: 25 set. 2019.

MOISES, Massaud. **A análise literária**. 17 ed. São Paulo: Cultrix, 2005. 13-24 p.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 13ª edição, 2000.

MORENO, Ana Carolina. **Brasil cai em ranking mundial de educação em ciências, leitura e matemática**. G1, Educação, 06 dez. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghtml>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

OLIVEIRA, Isabel Macedo de. **O uso dos livros digitais como incentivo à leitura e o desenvolvimento da escrita nas séries iniciais. Monografia** (Especialização em Mídias na Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul 2015. Disponível em: <http://WWW.lume.ufgrs.br/br/handle/10183/133918>. Acesso em: 15 out. 2019. Revista Tecnologias na Educação – Ano 9- Número/Vol.22- Edição Temática VI-II



Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação ( II – SNTDE). UFMA – tecnologias na educação. [pro/tecedu.pro.br](http://pro/tecedu.pro.br)

PASSERO, Guilherme; ENGSTER, Nélia Elaine Wahlbrink; DAZZI, Rudimar. Uma revisão sobre o uso das TICs na educação da geração Z. **CINTED-UFRGS Novas Tecnologias na Educação**. V. 14 Nº 2, dezembro, 2016.

PIAZZI, Pierluigi. **Ensinando Inteligência**. Manual de Instruções do Cérebro do Seu Aluno - Volume 3. São Paulo: Aleph, 2015.

PIZARRO, Mariana Vaitiekunas.; LOPES JUNIOR, Jair. Indicadores de alfabetização científica: uma revisão bibliográfica sobre as diferentes habilidades que podem ser promovidas no ensino de ciências nos anos iniciais. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 208-238, 2015.

PORTUGAL FILHO, Gilberto. **Educação, tecnologia e políticas públicas: dificuldades presentes nas escolas públicas do Espírito Santo**. Monografia, 54f. Vitória: UFES, 2017.

PRETTO, Nelson De Luca. O desafio de educar na era digital: educações. **Revista Portuguesa de Educação**, Bahia, v. 24, n. 1, p. 95-118, jan. 2011. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3042/2459>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

RUSSO, Maria de Fátima. **Alfabetização: um processo em construção**. São Paulo: Saraiva, 2012.

SANTOS, Amanda Elias. **O livro infantil digital**: reflexões sobre a literatura infantil na tela. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

SANTOS, Marisilvia dos; SCARABOTTO, Suelen do Carmo dos Anjos; MATOS, Elizete Lucia Moreira. **Imigrantes e nativos digitais**; Um dilema ou um desafio na educação. PUCR. Curitiba. 2011. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5409\\_3781.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5409_3781.pdf). Acesso em: 14 set. 2019.

SANTOS, Zenildo; SILVA, Maria Vitória Da. O ensino de Literatura num espaço globalizado: a parceria das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. **Fólio – Revista de Letras**, [S.L], v. 3, n. 2, p. 361-378, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/view/617/0>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

SILVA, Daniely de Oliveira. O professor em frente as novas tecnologias e as implicações no trabalho docente. **CONEDU – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte**, 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Condições para fazer leitores nas escolas brasileiras: do medonho ao sem-vergonha. In: FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (org.). **Leitura: um cons/certo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

SILVA, Vítor Hugo. O ensino da literatura brasileira: uma experiência no ensino médio. **Revista Eletrônica fundação educacional São José**, Belo Horizonte, p. 01-

17, jan. 2011. Disponível em:  
<<http://fsd.edu.br/revistaeletronica/arquivos/6Edicao/artigo34%20VITOR%20HUGO.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica. 1998.

SUPERINTERESSANTE. **A internet nos deixa estúpidos: entrevista com markbauerlein. superinteressante.** Disponível em:  
<<https://super.abril.com.br/tecnologia/a-internet-nos-deixa-estupidos-entrevista-com-mark-bauerlein/>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

SZKLARZ, Eduardo; GARATTONI, Bruno. A era da burrice. **Revista Superinteressante**, [S.L], p. 24-33, out. 2018.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a Ler e Escrever: Uma proposta construtivista**. Porto Alegre; Artmed, 2003.

TORI, Romero. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distância em ensino e aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

WEBER, Aline; SANTOS, Edmea; CRUZ, Mara Monteiro da. Letramentos e alfabetizações na cibercultura: crianças e jovens em rede, desafios para educação. **Leitura: Teoria e Prática**, Campinas, v.32, n.62, p.59-73, 2014.

WERTHEIN, Jorge. Entre riscos e benefícios. Folha de S. Paulo. São Paulo, 3 de abr. 2007. Caderno A, p. 3.